

Sussu Marcon

**CRI
ATI
VIDA
DE
SUSSU MARCON**
arte e psicanálise

Sussu Marcon

**CRI
ATI
VIDA
DE
SUSSU MARCON**
arte e psicanálise



Taubaté-SP
2024

EXPEDIENTE EDITORA

Diretora-Presidente

| **Reitora:** Profa. Dra. Nara Lúcia Perondi Fortes

Conselho Editorial

| **Pró-reitora de Extensão:** Profa. Dra. Leticia Maria Pinto da Costa

| **Assessor de Difusão Cultural:** Prof. Me Luzimar Goulart Gouvêa

| **Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas:** Shirlei de Moura Righeti

| **Representante da Pró-reitoria de Graduação:** Profa. Emari Andrade

| **Representante da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação:** Prof. Dr. Lourival da Cruz Galvão

| **Área de Biociências:** Profa. Dra. Milene Sanches Galhardo

| **Área de Exatas:** Prof. Dra. Érica Josiane Coelho Gouvêa

| **Área de Humanas:** Prof. Dr. Mauro Castilho Gonçalves

| **Consultora Ad hoc:** Profa. Dra. Adriana Leônidas de Oliveira

Equipe Técnica

| **Coordenador de Produção Editorial:** Alessandro Squarcini

Projeto Gráfico

| **NDG – Núcleo de Design Gráfico da Universidade de Taubaté**

| **Capa:** Rafael Campos de Jesus

| **Diagramação:** Lucas Henrique Felix da Silva , Rafael Campos de Jesus

| **Revisão:** Maria Emília Sousa

| **Impressão:** Eletrônica (e-book)

Ficha Catalográfica

| **Bibliotecária:** Ana Beatriz Ramos - CRB-8/6318

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi/ UNITAU
Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI

M321c	Marcom, Sussu Criatividade de Sussu Marcom : arte e psicanálise [recurso eletrônico] / Sussu Marcom. – Dados eletrônicos. – Taubaté : EdUnitau, 2024. 54 p. Formato: PDF Requisitos do sistema: Adobe Modo de acesso: world wide web ISBN: 978-85-9561-174-0 (on-line) 1. Arteterapia. 2. Psicanálise. 3. Criatividade. 4. Transformação de vida. II. Título. CDD – 615.85156
-------	---

Índice para Catálogo sistemático

Arteterapia – 615.85156

Psicanálise – 616.89

Criatividade – 153.35

Transformação de vida – 153.35

Copyright © by Editora da UNITAU, 2024

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	06
AGRADECIMENTOS.....	10
IN MEMORIAM.....	11
DEDICATÓRIA.....	12
INTRODUÇÃO.....	13

CAPÍTULO I

1.1 A definição de criatividade segundo diferentes teóricos.....	16
--	----

CAPÍTULO II

2.1 Artistas que circularam entre a arte e a doença mental.....	19
2.1.1 Vincent Van Gogh.....	19
2.1.2 Leonardo da Vinci.....	20
2.1.3 Frida Kahlo.....	21
2.1.4 Pablo Ruiz Picasso.....	23
2.1.5 Visão psicanalítica acerca da doença mental.....	24

CAPÍTULO III

3.1 A pintura surrealista.....	25
3.1.1 O belo e o horror.....	26

CAPÍTULO IV

4.1 Observação do comportamento dos pacientes na Clínica Abrace Vida.....	28
4.1.1 Ajudar-te: Breve história de vida da artista.....	29
Técnicas diversas de uma artista.....	32
A escritora dentro da artista.....	34
4.1.2 Pele, arte e psicossomática – sofrimento psíquico e autossuperação.....	35
4.1.3 Arteterapia e vivência de uma aluna.....	39

CAPÍTULO V

5.1 Uma breve abordagem sobre dois transtornos de personalidade e sua relação com a arte.....	41
5.2 Experiências da Dra Nise da Silveira com arte em um hospital psiquiátrico.....	42
5.3 Experiências da artista plástica Sussu Marcon com a arteterapia.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	46
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL.....	48

PREFÁCIO

Prefaciар essa obra de Sussu Marcon não é uma tarefa fácil. Primeiro, porque seu tema central, a criatividade se articula, dentro do enfoque artístico, à Psicanálise.

No mínimo, tenho que ser criativa.

Sussu Marcon, que, às vezes, com sua animação e agilidade, nos parece hiperativa, me oferece a primeira nomeação criativa. Sussu se mostra ao longo de seu trabalho e, principalmente, neste livro, IMPERATIVA.

Sim, tal qual a conjugação verbal, ela usa a ação rapidamente para transformar, algo tão belo imperativamente, que podemos, num instante, já vislumbrar a arte que ali se instala.

Assim faz Sussu Marcon com este livro, no qual leremos, se nos deixarmos levar pela sensibilidade, trechos escritos como pura pintura sobre tela, como na introdução: tintas fortes, pinceladas rápidas, compondo uma tela ousada, cheia de vivacidade nas suas palavras pintadas, como um AVANTE, vamos criar.

Em outros trechos, ela trabalha como uma tecelã, que vai tecendo para formar um desenho harmônico, como no segundo capítulo, no qual Sussu escolhe artistas maravilhosos – Van Gogh, Leonardo da Vinci, Picasso e outros – para examinar seu funcionamento mental com base na Psicanálise.

A partir dessa teoria, ela busca esclarecer o que é a sublimação das possibilidades perversas e doentias, elucidando, assim, o processo criativo desses artistas, cujo brilho carregava também pulsões destrutivas, que foram transformadas e resultaram nas suas obras de arte. No capítulo III, Sussu escreve sobre o movimento surrealista de 1924, com André Breton. E, aí, escutamos uma ária melódica solada, com suas descrições precisas e com muita acuidade na escolha do que selecionar para se satisfazer e nos satisfazer com esse capítulo.

No surrealismo, temos o campo mais fértil para falar da projeção dos processos inconscientes atribulados a partir do mundo pulsional, não amparados pelas interdições e que têm, na expressão subjetivado surrealismo, a possibilidade de atualização dessas mesmas pulsões, de uma forma artística e inusitada.

Como num sonho, assim fala a autora, os pintores surrealistas apresentam de forma plástica, suscitando, no espectador, interpretações de toda espécie, até mesmo estimulando um olhar que apreende as cores e formas, sem qualquer explicação.

Sussu continua ilustrando seu trabalho clínico no capítulo IV, emocionante pela dedicação com a qual ela o realizou e a coragem que teve em navegar sem bússola, seguindo apenas seu desejo, seu ainda principiante conhecimento e compreensão dos fatos clínicos, que, hoje, se multiplicaram e se tornaram enormes.

Aí, faço um parêntese para ressaltar a importância de seu trabalho de arteterapia com pacientes mais comprometidos, pois ela oferece uma porta aberta para a expressão, para a melhora ou mesmo para a cura de seu sofrimento psíquico; entretanto, ela ainda não é suficientemente utilizada e reconhecida como instrumento terapêutico em nossos dias.

A arteterapia, exercida principalmente por alguém que detém o conhecimento do psiquismo humano, pode se tornar a melhor alternativa para trabalhar o sofrimento psíquico, complementando qualquer área de trabalho que lida com o adoecer humano.

Sabemos que todo trabalho de arte com pacientes é afetivo, pois provoca mais sociabilização, maior expressão de conflitos, enfim é eficaz. Contudo, se o profissional detiver os conhecimentos acerca do psiquismo humano, ele estará melhor instrumentalizado para ir muito além em sua tarefa.

Conhecendo as leis que regem o psiquismo e suas mano-

bras defensivas e atuantes, o profissional, ao elaborar uma terapêutica com arteterapia, obterá resultados muito mais profundos e efeitos muito mais “curativos”.

Assim, essa é a ação da arteterapia. Com esse enfoque, podemos, então, afirmar que o trabalho com portadores de necessidades especiais, idosos, psicóticos, dependentes químicos e muitos outros tipos de pacientes deveria se tornar sistemático em instituições.

Fechando os parênteses, retomamos, ao citar Sussu, que, a partir da ilustração de seu trabalho clínico com um paciente portador de uma moléstia gravíssima de pele, ela nos revela sua própria evolução quanto à compreensão da doença e como isso leva a ir traçando mais e mais a melhor maneira de conduzir o trabalho.

No último capítulo, Sussu faz alusão a Dra. Nise da Silveira, a brilhante médica psiquiatra que também usou a criatividade na construção de um trabalho mais humano com a doença mental. Organizou, junto com o Centro de Terapia Ocupacional, a exposição dos trabalhos artísticos com os internos, denominada “Esquizofrenia e Arte”, inspirando muitos outros profissionais na realização de diversas tarefas, que modificassem o olhar para o doente mental, vislumbrando uma janela aberta para algo criativo que ele pudesse fazer. Já era uma arteterapia aplicada numa instituição.

Finalmente, quando a autora escreve sobre sua trajetória na vida profissional, vemos aí uma abelha operária criando, aqui e acolá, um espaço para doar seus dons, um lugar para extravasar sua própria criatividade, beneficiando pessoas, buscando incansavelmente um espaço para desenhar o traçado do seu caminho profissional, sempre aberto ao novo.

Com este livro, efetivamente, a Psicanálise ganha uma eficiente técnica que veio importada das artes e que na Psicanálise aportou.

Tenho imenso orgulho de fazer parte desta obra apresentando-a aos leitores; mais orgulho, ainda, por ter contribuído para a formação dessa que já era artista e que agora se torna uma talentosa e capaz ARTETERAPEUTA.

Themis Regina Winter

AGRADECIMENTOS

À minha história de vida e à minha experiência adquirida com pessoas e pacientes, pois, sem eles, não poderia ter escrito este livro.

À minha orientadora e incentivadora, a psicanalista Themis Regina Winter. Este livro foi escrito também graças ao seu apoio e dedicação.

Não poderia deixar de citar a equipe da clínica Abrace Vida, em especial a Sônia Abrami, Eloisa Cembranelli e a Priscila Carvalho, pela força a mim dedicada.

À minha sobrinha, Mariana, que, com seu profissionalismo, deu forma e vida a meus textos.

À psicanalista M^a Emília Sousa Almeida que fez a revisão final do texto para a publicação.

A meus pais e ao meu irmão, que, desde o começo, acreditaram que tudo daria certo.

À minha família, em especial, pelo companheirismo e amor durante todo o processo de trabalho e pesquisa. Marcos, e minhas filhas, Paola e Jéssica.

IN MEMORIAM

Agradeço a Wagner Amaro, artista que me auxiliou na construção e na consolidação da minha trajetória profissional e da minha experiência artística.

DEDICATÓRIA

*Dedico esse livro às minhas queridas filhas e
ao meu marido.*

INTRODUÇÃO

A escolha do título criatividade para este livro remete à minha crença de que tudo na vida demanda criatividade, principalmente diante das dificuldades.

A criatividade faz parte da minha vida. Ela me acompanha em todos os momentos. Para que o processo criativo continue ocorrendo em mim, tenho que sempre estar me reinventando, tanto no segmento profissional como na área familiar. Gostaria de citar algumas indagações, que acredito serem aspectos fundamentais desse processo: atualmente de que maneira devemos agir para quebrarmos as regras; sendo ousados, é possível experimentar coisas que nunca foram testadas?

Diante dessas indagações e por meio da experiência adquirida ao longo do meu trabalho, tenho que sentir o processo criativo e executá-lo sem medo.

É necessário, nesse momento, muita firmeza. Acredito também ser indispensável uma pesquisa detalhada para a verificação do que está sendo criado. Tenho que pensar em algo inovador, nunca antes executado por outra pessoa.

Nunca posso esquecer que o erro faz parte do processo criativo. Se você errar, tente novamente; as grandes criações nunca foram executadas, na primeira vez. Outra importante dica para a criação: observar, de forma a poder captar os sinais do processo criativo. Andar sempre com um caderno, assim você poderá anotar ideias e técnicas, antes que elas possam ser esquecidas.

Uma sugestão: frequente as bancas de jornal. Visitas às bancas são fundamentais para o processo de criação. Ande, caminhe, converse com as pessoas nas ruas, leia livros, ouça músicas, fique atento a tudo e a todos.

A mente deve estar sempre livre para associar as ideias e criar outras novas. O pensamento tem que fluir, “viajar”,

para que nenhuma ideia seja perdida. Pense, reflita, planeje e transforme. Todos estes itens fazem parte do processo de criação, pois de acordo com o grande pensador Aristóteles (1987, p. 28). *“Você é aquilo que você faz continuamente. Excelência não é uma eventualidade, é um hábito”*.

Não é fácil, mas venho treinando há muito tempo para ter esse ritmo. A minha inspiração, em particular, vem da pintura, da decoração, do fato de gostar de explorar novas áreas como: reciclagem, artesanato e restauração. Tenho muita disciplina. Quando começo a executar algo, por mais difícil que seja, sempre o finalizo. Presto muita atenção aos pequenos detalhes, pois como disse o pensador norte-americano Brault (2010, p.8) *“Aproveite bem as pequenas coisas. Algum dia você irá saber que elas eram grandes”*.

Um dos fatores que contribuíram para o sucesso das minhas pinturas é o fato de eu ser curiosa, inquieta e motivada. Todas as formas de expressão de um indivíduo podem ser interpretadas como “arte”. E esse momento deve ser valorizado.

A criatividade pode ser definida como a capacidade de elaborar teorias científicas, propor invenções, instrumentos ou até mesmo produzir manifestações culturais e artísticas.

É um processo que resulta em um produto novo. Neste processo, um dos principais combustíveis para a criatividade é a imaginação.

A criatividade humana não possui limites. Todas as pessoas têm a capacidade de processar uma imagem ou um som, de forma variada em suas mentes. Esse processo é resultado de uma série de fatores e sensações vividos por cada indivíduo. Ao longo da história da humanidade, foram inventadas várias maneiras de viver, de proteger-se e de divertir-se, vencendo, assim, os obstáculos presentes naquele momento. Desse modo, a criatividade pode ser sintetizada como a habilidade de pensar, de modo diferente dos demais e como a

capacidade de perceber e organizar algo que ninguém nunca viu, podendo ser uma maneira nova de enxergar as coisas, de experimentá-las e vivenciá-las (Csikszentmihalyi,1988).

Para estimularmos a criatividade, faz-se necessário exercitarmos o próprio potencial de gerar novas ideias. Todos nós somos criativos, porém temos que incentivar as pessoas a buscarem novas experiências, a fim de ampliar suas vivências e sua cultura. É possível observar que, normalmente, pessoas criativas são aquelas que apresentam comportamento curioso, investigativo e uma busca incansável por outras culturas, idiomas, manifestações, tecnologias. São pessoas que intuitivamente fazem o melhor exercício possível para o cérebro, ao investir, de maneira consciente, no aprendizado e no estímulo às diferentes capacidades cognitivas e sensoriais. (Csikszentmihalyi, 1988).

De acordo com o escritor e filósofo Shaw (1928, p.12), as pessoas criativas têm níveis de consciência e atenção maiores do que as demais, apresentam sensibilidade aflorada, além de sempre estarem dispostas a enxergar novas possibilidades e novos horizontes. Esses indivíduos colocam questões, buscam detalhes nas respostas, geram diversas ideias, avaliando possíveis soluções e alternativas, são ousados e propensos a agir de forma sempre inovadora. Para ele, *“as pessoas que vencem, neste mundo, são as que procuram as circunstâncias de que precisam e quando não as encontram, as criam.”*

Na mesma linha de pensamento de Shaw (1928), o pensador Billinge (1818, p.33) afirma que: *“A vida não é ter nas mãos boas cartas, mas sim saber jogar com as cartas que ela nos dá”*.

Feita esta primeira apresentação do livro, passa-se a examinar sua temática, de modo mais específico.

CAPÍTULO I

1.1 A definição de criatividade segundo diferentes teóricos

Tendo-se apontado que o tema central dessa obra é a criatividade, cabe examinar sua definição segundo diferentes pensadores.

Estudiosos do assunto afirmam que a produção criativa não pode ser atribuída exclusivamente a um conjunto de habilidades e traços da personalidade do criador. É preciso levar em conta o contexto social, histórico e cultural, que influenciou sua capacidade inventiva. Para Csikszentmihalyi (1988, p.50), professor de Psicologia e Educação da Universidade de Chicago, a criatividade das pessoas pode ser estimulada, mudando-se as condições do ambiente em que o ser humano está inserido. Para ele:

Não podemos estudar criatividade, isolando indivíduos e suas obras do contexto social e histórico onde estas acções ocorrem. Isto porque o que chamamos criatividade é o resultado da acção de domínios principais que delinham o fenómeno: o grupo das instituições sociais (Campo) que selecciona, entre os vários produtos individuais, aqueles que serão preservados; um aspecto cultural estável (Domínio) que preserva e transmite os produtos seleccionados para as próximas gerações e, finalmente, o sujeito (indivíduo, que promove mudanças no Domínio, consideradas criativas pelo Campo.

Completando essas idéias, para o sociólogo italiano De Masi (2000), quanto mais o homem trabalha, mais tempo

precioso, ele perde. O autor acredita que horários flexíveis e pausas para lazer, no horário de trabalho, aumentam a criatividade e tornam as empresas mais eficientes. De Masi ressalta que o ócio criativo não é tempo livre, preguiça ou não fazer nada, mas significa aliar ao trabalho, a criação e o bem-estar.

Para o psicanalista Freud (1908), a brincadeira e a expressão lúdica são os elementos básicos da criatividade. Ele acreditava que os poetas assemelhavam-se às crianças, pois ambos brincam com tudo que conseguem colocar nas mãos. Na perspectiva psicanalítica, a partir de Freud, a ênfase maior para a explicação do funcionamento do indivíduo volta-se para sua afetividade e suas necessidades emocionais.

Nesse sentido, a criatividade passa, então, a ser entendida como uma forma inconsciente para solucionar conflitos. O processo criativo, sob esta perspectiva, seria resultante de uma sublimação dos instintos sexuais primitivos orientados para as atividades produtivas e sociais. Assim sendo, a criatividade e a neurose surgiram de um conflito inconsciente (Freud, 1908).

Segundo o psicanalista Kernberg (1995), que se dedicou ao estudo da afetividade e da emoção de casais e, ainda, do relacionamento criativo, quando um casal vive algum tempo junto, ele cria uma unidade, vive sonhos e histórias em comum, desenvolve uma linguagem própria.

Assim, um novo caminho se inicia, com diálogo, apoio, humor, carinho, resultado da vida a dois. Dessa forma, torna-se imprescindível no relacionamento a criatividade, pois, diante da rotina, o casal pode crescer com os erros e passar a aceitar as críticas do cônjuge.

De acordo com Klein (1981), psicanalista infantil, para que seja possível entender a criança, seus medos e seus desejos, é necessário criar um clima de brincadeira e diversão, base da *ludoterapia*. Tal técnica é usada para resgatar os

problemas pelos quais ela passou na infância. A brincadeira propicia à criança transferir, por meio da fantasia, suas ansiedades e culpas para o brinquedo, recriando objetos perdidos, mediante a reparação e a sublimação. Com isso, pode ocorrer o exercício da liberdade individual, da afirmação madura de sua identidade, elaborando seus conflitos psíquicos. Assim, pode aparecer o amor subjacente aos conflitos.

A partir do pensamento dos diferentes autores que estudaram a criatividade, percebe-se a importância de se trabalhar o funcionamento mental do sujeito, para que o exercício de sua criatividade atinja a plenitude.

CAPÍTULO II

2.1. Artistas que circularam entre a arte e a doença mental

2.1.1 Vincent Van Gogh

Vincent Van Gogh (1853-1890) nasceu na Holanda e é um dos principais artistas do expressionismo. Teve uma vida turbulenta, marcada por uma mudança brusca de comportamento causada pelo transtorno bipolar, passando por picos ora de depressão, ora de euforia. Vivendo assim, Van Gogh sempre esteve em busca de sua identidade.

Vale destacar que o pintor teve um irmão que morreu antes de seu nascimento, que também se chamava Vincent Van Gogh. A mãe, que desejava negar a morte desse filho, não fez seu luto. Neste período, nasceu Vincent, que veio a ocupar o lugar do irmão morto. Ele sempre foi a sombra de seu falecido irmão (Civita, 1986).

Em meio a isso, as pinturas de Van Gogh chamam a atenção pelas cores fortes, como o amarelo, o azul e o verde. Ele vivia em contato com a natureza e isso se refletia em suas telas, cheia de ciprestes e girassóis.

Van Gogh retratava aquilo que via, não por meio da técnica, mas a partir de suas emoções. A arte que ele expressava utilizava cor, talvez em contraste com a escuridão da vida, que ele enfrentava. Quanto a isso, sua mãe sofrera um acidente e, por esse motivo, o artista cuidava dela. Assim, as suas pinturas retratavam a fase pela qual ele estava passando. Nesse período, suas telas destacavam os tons escuros.

Van Gogh não escrevia seu nome completo nas pinturas, pois ele não se reconhecia como sujeito, mas como um espelho de seu irmão falecido. Ele possuía um *déficit* simbólico, entre o eu e o outro (Civita, 1986).

Sempre foi uma criança, que viveu na solidão. Ele almejava ser pastor tal como seu pai. Porém, fracassou na vida religiosa e na vida amorosa. Devido a estes fatos, ele vivia angustiado. Teve um grande amigo, o pintor Gauguin e, quando brigaram, Vincent cortou sua própria orelha.

O pintor enlouqueceu e a única coisa que lhe fornecia sustentação psíquica era a pintura. Vincent não foi aceito pela sociedade da época e foi excluído dela. Em 1890, suicidou-se com um tiro. Vale destacar que durante toda a vida, vendeu uma única tela (Civita, 1986).

2.1.2 Leonardo da Vinci

Leonardo da Vinci (1452-1519) nasceu na Toscana. Não se sabe muito sobre sua infância. Suas primeiras recordações incluíam um abutre que desceu sobre seu berço e que batia a cauda várias vezes em seus lábios. Da Vinci retratava nas pinturas a sua própria imagem como um homem atlético, atraente, com cabelos compridos, barba na altura do peito e vestes coloridas. Para Da Vinci, todos os problemas da vida eram resolvidos com muita criatividade e simplicidade. Durante toda a vida, nunca teve relações afetivas com mulheres, sendo que rejeitava a sua própria homossexualidade (Civita, 1986).

Nas primeiras pinturas do artista, ele partiu do estudo de cadáveres. Além disso, realizava experiências com máquinas voadoras, estudava geometria e arquitetura. Grande cientista, estudou também anatomia, construiu protótipos de helicópteros, tanques de guerra, calculadoras, dentre outros inventos (Freud, 1910).

Mais tarde, suas pinturas começaram a retratar suas mais secretas emoções. O pintor tinha o hábito de não finalizar suas obras, pois buscava a perfeição. Da Vinci apresentava personalidade simpática, generosa e versátil (Civita, 1986).

Com relação ao famoso quadro *O sorriso de Mona Lisa*, Freud (1910) o interpretou como fascinante, misterioso, sedutor e, ao mesmo tempo, frio e distante, em que o pintor retratou lembranças relacionadas à sua mãe. Suas obras funcionavam como uma válvula de escape para o desejo sexual, que mantinha reprimido.

Outro quadro de suma importância do pintor foi *Sant'Ana, a virgem e o menino*. Essa obra sintetizava a infância do pintor, pois temos no quadro a Virgem Maria sentada no colo de sua mãe Sant'Ana com os braços estendidos em direção ao menino Jesus, que está brincando com um cordeiro. Podemos, a partir dessa imagem, pensar, segundo a análise de Freud (1910), que Da Vinci teve duas mães, pois o pintor enxergava a figura materna em sua mãe biológica e em sua madrasta. Assim, nessa pintura, a figura de Maria e de Sant'Ana tem a mesma idade, união pictórica entre as duas mulheres.

2.1.3 Frida Kahlo

Frida Kahlo nasceu no dia seis de julho de 1907 no México. Nessa época, sua mãe se encontrava de luto, pois seu filho havia morrido ao nascer. Assim, por esse motivo, Frida não foi amamentada por sua mãe e sim por uma ama de leite, pois sua mãe entrara em depressão pós-parto. Com a chegada de uma irmã, Frida se vê mais abandonada e mais rejeitada ainda, pois sua irmã recebeu total atenção de sua mãe. No quadro *Meu nascimento*, Frida retrata o abandono vivido por ela (HERRERA, 2013).

Aos seis anos, Frida sofre paralisia infantil e cria uma amiga imaginária. Em consequência de sua doença, ela fica conhecida como Frida perna de pau. A fim de esconder suas pernas, Frida começa a praticar esportes considerados masculinos como natação, boxe e futebol. Na adolescência, ela se

vestia como homem, possivelmente, como uma substituição do irmão que nasceu morto antes dela e que ocupava um lugar especial no coração de seus pais. Logo, Frida teve falhas na formação de sua identidade feminina.

Em suas pinturas, ela retrata as experiências de sofrimento vividas por ela, tendo dito que “minha pintura carrega em si a mensagem da dor.” Além disso, quanto a seus autorretratos, ela dizia que: “pinto a mim mesma porque sou sozinha e porque sou o assunto que conheço melhor.” (KAHLO, 2012, p.48). Outras frases de seu diário revelam o sofrimento íntimo que Frida, por meio de sua arte, exteriorizava. Assim, ela afirma: “Não estou doente, estou partida. Mas me sinto feliz por continuar viva, enquanto eu puder pintar. Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?” (KAHLO, 2012, p. 57).

Com dezoito anos, ela sofre um acidente no qual sua coluna se rompeu, na região lombar, pois um ferro atravessou seu abdomen e parte de sua genitália. Ela passou por 32 cirurgias. Nesse período, Frida inicia a carreira artística. A partir disso, pode-se entender a frase dita por ela no início de sua carreira artística: “Não estou morta”. Em outro desabafo, ela disse: “Minha razão de viver é a pintura”.

Em 1922, Frida começou a estudar medicina e conheceu Diego Rivera. Eles se casaram, mas ela sofreu uma grande decepção. Ele a traiu com sua irmã Cristina. Apesar disso, Frida teve vários amores e quatro abortos.

Com quarenta anos, ela é reconhecida como uma grande artista mexicana. Ela usava a arte para expressar pensamentos e emoções profundas. Seu autorretrato expunha de modo profundo a sua realidade psíquica como espelho de sua alma.

Seu último quadro *Viva la Vida* registra sua cidade natal. Frida morre em 1954.

2.1.4 Pablo Ruiz Picasso

Pablo Ruiz Picasso, grande pintor espanhol, que revolucionou a arte do século XX, foi o criador da técnica chamada Cubismo.

Em sua infância foi aprendiz de seu pai, que era professor de desenho e, por isso, iniciou-se na arte bem cedo. Já tinha seu ateliê quando adolescente e aos 13 anos pintou o retrato de sua família. Logo, foi estudar em Barcelona e se envolveu com vários artistas da época e, assim, começou a influência do modernismo em suas pinturas. Em grande medida, sua inspiração vem dos artistas Henri Toulouse Lautrec e Edward Munch. Aos vinte anos, foi para Paris e fez muitos amigos que apreciavam sua arte.

Era um artista versátil, que demonstrou suas emoções em cada um dos períodos de sua obra chamados a fase azul e a fase rosa. Na *Fase Azul* (1901-1904), ele perdeu um grande amigo e entrou em melancolia; com o passar do tempo começou a melhorar e entrou na *Fase Rosa* (1905-1907). Ele teve várias amantes, que podiam ser percebidas em seus quadros, nos quais ele representava as fases de sua vida. Neste momento, as mulheres em suas pinturas apareciam com maior frequência, visto que em 1907 o feminismo estava em ascensão. As mulheres estavam deixando de serem donas de casa e se tornando pessoas públicas. Em 1905, suas pinturas mostram-se melancólicas, tristes. Ele representava figuras femininas frias e distorcidas. Em 1907, suas pinturas eram mais alegres, retratando artistas de circo como bailarinas, acrobatas, dentre outros.

Sua tela mais famosa é conhecida por “*Les Demoiselles d’Avignon*” de 1907. Nela, as formas geométricas adquiriram uma profundidade parcial, inaugurando-se sua fase cubista. Uma mudança de estilo, muito bem elaborada. Pela primeira vez, o artista renuncia a todos os conceitos tradi-

cionais de harmonia, propondo beleza, construção plástica e perspectiva (PIZZO, 1997). No quadro *La Lecture*, temos retratada uma personagem com traços femininos. No quadro *Mulher no Espelho* (1932), temos o inconciente do artista, incluindo olhares do imaginário. Para Lacan (1958, p. 52), “o sujeito da histeria lida com seu desejo insatisfeito expresso nas marcas do corpo”.

2.1.5 Visão psicanalítica acerca da doença mental e sua relação com a arte

Sobre Leonardo da Vinci, Lacan (1943) escreve que ele era um homem com muitos talentos. Além de ser um gênio, ele era um homem com marcas do Outro, que não se constituiu como sujeito. Ele buscava a perfeição e alguns de seus trabalhos não foram terminados e acabaram abandonados.

Winnicott (1958), analisando Frida Kahlo, considera que não houve um ambiente suficientemente bom para ela ter desenvolvido a integração psique-soma, de modo adequado. Quando isso ocorre, o bebê precisa desenvolver uma capacidade precoce de cuidar de si mesmo, resultando no congelamento psíquico de uma situação traumática.

Quando adulta, Frida se sentia aos pedaços, sendo que sofreu vários abortos que frustraram seu desejo de ser mãe. Relacionava-se com mulheres, buscando restaurar aspectos narcísicos de uma função materna deficiente (Winnicott, 1958). Quanto a isso, Zimmerman (1998) diz que a procura do outro do mesmo sexo pode indicar um distúrbio do narcisismo, em busca do seu duplo, como um espelho, um suporte que indique que o sujeito existe realmente.

Com base nas ideias apresentadas, percebe-se a íntima relação entre a história de vida do artista e sua obra. Nessa medida, a história de vida, abordada pela psicanálise, e a arte utilizada pela arteterapia, se entrelaçam de modo consistente.

CAPÍTULO III

3.1 A Pintura Surrealista

Tendo-se examinado as histórias de vida de pintores de diferentes escolas – impressionismo, realismo, cubismo, apresentam-se agora algumas ideias a respeito do surrealismo. Esta escola trabalha com as imagens do inconsciente, foco da psicanálise.

André Breton, principal teórico do surrealismo - movimento artístico surgido em 1924 - estudou medicina e psicologia. Ligou-se ao Dadaísmo, organizando o pensamento anárquico da época.

Breton (1924, p.80) afirmou que “a interpretação futura destes dois estados, o sonho e a realidade, forma o surrealismo”. Em relação a isso, partindo-se para uma reflexão relativa à psique, Freud, em *A interpretação dos Sonhos* (1900), comenta que os sonhos são absurdos, fantasiosos e simbólicos. Nos sonhos, estamos longe das leis físicas da realidade, podemos nos deslocar rapidamente, até mesmo voar, sendo nós mesmos e realizando as ações mais absurdas.

Em paralelo aos sonhos, a arte parte do irracional, pois a criatividade livre provém das profundezas do inconsciente. A técnica surrealista é a expressão de imagens ou de palavras, livres da ditadura do pensamento, do controle da razão, fora da preocupação estética ou moral. Cada artista pode usar a técnica que preferir e os quadros são muito diferentes entre si. O que importa no surrealismo são as imagens inusitadas e fascinantes (PIZZO, 1997).

Muitos filmes de ficção científica e de horror inspiraram as criações surrealistas. Os artistas deixavam seus pincéis se movimentarem sobre a superfície da pintura, criando, assim, imagens e símbolos, que revelavam seu inconsciente, pois há coisas que fazemos ou dizemos

que são independentes de nossa vontade e contrariam a nossa lógica.

Outros artistas que também deixaram suas marcas no surrealismo foram Salvador Dali e Juan Miró. Observamos no quadro *A Persistência da Memória de Dali*, relógios desenhados que parecem estar se derretendo. Estas imagens revelam como o pintor distorce imagens conhecidas, retratando, assim, o mundo surreal, a ausência da lógica e seu pensar acerca da realidade. Em Miró, as telas saem como formas, curvas, linhas e muitas cores, dando vazão ao inconsciente, sem qualquer controle racional. A pintura surrealista se insere entre a loucura, a solidão e a alienação (PIZZO, 1997).

3.1.1 O belo e o horror

Para se pensar o belo e o horror contemplados pela arte, parte-se de uma importante obra da literatura.

Trata-se do romance de Oscar Wilde (1981) denominado *O retrato de Dorian Gray*, escrito no século XIX. Obra prima da literatura inglesa, ela foi escrita com imaginação, amor, beleza e arte.

O retrato de Dorian Gray trata de um jovem e esbelto modelo, que posa para o pintor Basil Hallward. Dada a extrema beleza do retrato, Basil se apaixona pelo modelo, criando uma relação de dependência com ele.

Lord Henry Wotton, amigo de Basil, conhece Dorian e o seduz, levando-o ao mundo hedonista de drogas e maldade. A partir desse momento, inicia-se a decadência de Gray.

A partir da descrição dos traços psicológicos das personagens, observamos seus conflitos, seus desejos e sua visão de mundo. Com relação a Dorian, podemos verificar, nele, o desejo da eterna beleza. Quando ele se depara com seu quadro, toma consciência de sua beleza. A partir daí, deseja que

o quadro envelheça e não ele, pois não seria bonito e jovem para sempre, configurando-se, assim, seu narcisismo.

Neste ponto, para seguirmos com a análise, precisamos falar sobre o conceito de narcisismo, baseado nos estudos de Freud (1914) e Lacan (1953). Para esses autores, o narcisismo resulta da construção da autoimagem. Segundo eles, antes dos seis meses, o bebê, quando se vê em um espelho, não consegue reconhecer aquela imagem como sendo ele, pois ele não consegue se reconhecer como um indivíduo. Por isso, sua imagem no espelho é a imagem de um ser desconhecido.

Em termos de autoimagem, o próprio Dorian começa a mudar sua personalidade, pois passa de ingênuo para malandro, levando uma vida marcada por catástrofes e tragédias. E o quadro, a cada dia, retrata estas mudanças expressas de acordo com atitudes de Dorian. Sua imagem vai se tornando feia e má. Ele deixa, então, o quadro escondido, sendo este, seu segredo. Dessa forma, a grande beleza de Dorian escondia o horror de suas atitudes, pensamentos e comportamentos.

A partir disso, percebe-se a amplitude de questões humanas que a arte contempla: desde o belo e o extraordinário até o horror e o abominável, praticados pelo ser humano.

Essa amplitude de emoções e sensações, igualmente, aparecem no âmbito clínico.

CAPÍTULO IV

4.1. Observação do comportamento dos pacientes na Clínica Abrace Vida

Trabalhando na clínica Abrace e Vida e nas residências dos pacientes, observei que eles apresentavam grande evolução no tratamento, quando conduzidos por meio da arte e da criatividade, presentes nas minhas atividades. No espaço clínico, aparecem pessoas com doenças de pele, deficiências físicas, mal de *Alzheimer*, depressão, bipolaridade, dentre outros.

A criatividade favorece a ligação afetiva com as pessoas e, com isso, obtive a melhora das doenças dos pacientes. O arteterapeuta ou o acompanhante terapêutico são muito importantes nesse trabalho.

Como professora, já fazia um trabalho diferenciado, pois as pessoas apareciam para aprender arte e o resultado desse aprendizado já era terapêutico. Utilizava nesse processo, diferentes recursos artísticos como: colagens, recortes, pinturas com o dedo, trabalhando com diversos sintomas ou patologias, sem limitar a criatividade das pessoas. Isso direcionava para uma escolha mais acertada do tratamento.

Nesta trajetória, aprendi com as pessoas que precisavam de mim, sem ainda saber se o resultado seria satisfatório. Igualmente, trabalhei com crianças carentes em uma instituição de adoção, com pessoas especiais e com detentas de um presídio. Todos esses casos foram trabalhos voluntários fundamentais, criativos e enriquecedores para minha carreira.

O relato do meu trabalho com as detentas encontra-se registrado no livro *Essência da Mulher-Alma de Artista*. Nele, a autora apresenta uma breve história de vida da artista Sussu Marcon.

4.1.1 Ajudar-te: Breve história de vida da artista em Essência da Mulher: Alma de Artista

Caminhava em meio aos corredores da penitenciária feminina, que lhe parecia, à primeira vista, um local frio e cinza. Era triste pra ela, que sempre fora apegada a cores. Estava um pouco ansiosa e com medo, mas era apenas o primeiro dia, então o medo era natural. Fora revistada por policiais e acompanhada por eles até o local onde as aulas aconteciam.

Sueli Fátima Marcon Paula Santos, conhecida como Sussu Marcon, foi trabalhar na prisão feminina no ano de 2009, por vontade própria. Começou a fazer trabalho voluntário com crianças carentes, de várias idades, dando aulas de pintura. Depois foi convidada para ensinar em uma casa de auxílio às crianças especiais, onde ficou por dois anos. Continuou seu trabalho filantrópico, com idosos no Lar São Francisco e, depois disso, desafiou a si mesma e começou a trabalhar com as detentas da penitenciária de Tremembé. Paralelamente, Sussu continuava em seu próprio ateliê. Nessa ocasião, ela pôde lidar com uma realidade muito diferente da sua.

Aos oito anos, a pequena Sussu recolhia sacos de arroz e de açúcar, que tinham, em sua parte interna, um tipo de papel pardo, o qual a menina usava para fazer seus desenhos infantis. Sempre gostou de arte. Na escola, em seus trabalhos em grupo, o artista ficava responsável por fazer a capa e era exatamente o que mais gostava de fazer. Fazia suas capas decoradas, com desenhos e ilustrações, independentemente do que fosse o tema dos trabalhos. E, desde essa época, as artes de capa da pequena Sussu iam para as exposições na própria escola, visto que a arte sempre esteve dentro dela, buscando maneiras de se expressar de alguma forma. Com dez anos, Sussu recebeu um prêmio na escola por ter feito o melhor desenho da sala. A artista se alegra com as lembranças

ças da época e ressalta como era importante para ela sair da escola com uma medalha no pescoço.

Diz a artista: “Eu nunca pensei que ia fazer um *workshop* com restauração, artesanato ou pintar uma tela, numa penitenciária. Meus alunos na época falavam: “Sussu, não vai não! Dá medo” e eu falava “Não, é tranquilo.” Foi uma experiência muito interessante. Pode ser até que eu fiquei com medo na época, mas foi tão natural! As detentas foram super bacanas comigo, correu tudo naturalmente. Elas queriam tirar foto e tudo mais. E isso foi muito importante. Então, essa experiência eu tinha que viver mesmo.”

Além de ter feito esses trabalhos, Sussu também já trabalhou com arteterapia. Cheia de vida, a artista é aquela pessoa que chega e preenche o ambiente. Chama a atenção, conversa, fala de suas experiências. Talvez isso tenha ajudado quando teve que lidar com pessoas depressivas, com *Alzheimer*, dependentes químicos, alcoólatras ou outras pessoas que sofriam algum distúrbio mental. Por meio de sua experiência, Sussu passou a olhar mais atentamente para as pessoas ao seu redor.

Segundo a artista: “Eu fazia arte, mas havia uma dificuldade. Porque tinha muitos lá que eu não conseguia trazer... Sabe... Você faz arte, mas tem uma hora que não está querendo mais, ou tá surtando, é diferente. Então eu pensei: quer saber de uma coisa, tá na hora de eu estudar. Aí fui estudar! Fiquei três anos fazendo psicanálise, com atendimento, com estágio, com palestras... Eu fiz psicanálise e psicossomática e hoje eu atendo. E trabalho, com a arteterapia em uma clínica de psicanálise, com as pessoas que desenvolvem alguns problemas.”

Antes dessa época, depois de completar os estudos básicos, chegou a época de decidir o que fazer da vida. Era o ano de 1978 e a arte ainda era menos aceita como profissão do que é agora. A artista precisou conversar com seus pais sobre sua escolha profissional.

“- Sussu, vai fazer uma faculdade! – aconselhara o pai da artista, nessa época.

- Pai, mas eu quero fazer arte! – argumentava Sueli, com olhar sonhador.

- Mas, arte não dá dinheiro! – Respondeu o pai preocupado.”

Mesmo assim, aos 18 anos, Sussu se matriculou no curso de artes da Escola Municipal de Artes Maestro Fego Camargo, referência da região. Enquanto ela estudava artes, muitos de seus colegas passeavam e curtiam a juventude. A artista admite que ia para as baladas da época, mas seu prazer maior era estudar arte. E, assim, começou sua carreira artística.

Em suas palavras: “Eu sempre fui muito criativa, ao fazer trabalhos, meu lado criativo é bem aguçado. E a partir do momento que você começa a desenvolver a arte, começa a trabalhar com outros materiais e começa a conhecer outros artistas, você já está no ramo.”

Depois disso, Sussu ficou aproximadamente dois anos sem fazer curso nenhum. Chegou a trabalhar em bancos, fazia exposições de suas pinturas e trabalhou até como guia de turismo. E não é difícil imaginar a artista animando os turistas, conversando e interagindo com as pessoas. Porém, como o pai continuou insistindo que arte não dava dinheiro, Sussu fez o curso de publicidade e propaganda. Ela se deu bem nessa área e fez estágio em publicidade em São Paulo. Mesmo assim, voltou a trabalhar somente com arte, que sempre fora sua paixão.

Ela se casou e teve duas filhas e, com isso, parou um pouco com a arte para cuidar da sua família. Depois que sua filha mais nova completou oito meses, Sussu resolveu trabalhar com arte, pois não aguentava ficar muito tempo sem pintar.

Voltou a estudar técnicas novas com o artista e professor Itacarambi em 1996 e abriu um ateliê em São José dos Campos. Começou a lecionar arte e fazer exposições com os

alunos. Dessa forma, Sussu foi fazendo seu nome no Vale do Paraíba. O ateliê ficou em São José por dez anos, porém Sussu teve que se mudar para Campos do Jordão, em virtude do trabalho do marido. Deixou outra professora dando aulas em seu lugar em São José e em Campos desenvolveu seu lado artístico, em detrimento de seu lado professora de artes.

Quanto a isso, ela afirma: “Em Campos do Jordão eu fui curtir as minhas pinturas, fiz nome em Campos, fui premiada em alguns eventos culturais da cidade, até hoje eles me ligam da prefeitura convidando pra eventos culturais lá.” Em 2000, Sussu veio para Taubaté, onde começou a fazer trabalhos voluntários. Contudo, além de ajudar as pessoas, a artista quis fazer algo pelo meio ambiente, pouco cuidado pelas pessoas.

Técnicas diversas de uma artista

Além de pinturas, Sussu gosta também de fazer restauração de móveis, pintura em tecido, pintura de imagens sacras e decoração de ambientes.

Começou a criar obras com reciclagem, trabalhando com coador de café usado, terra preta, folhas secas, folhas de bananeira, ou seja, um pedacinho da natureza foi parar dentro dos quadros. Com isso, trabalhou várias vezes na feira do meio ambiente, que era realizada no município. Na verdade, quando começou a fazer peças com matéria prima do meio ambiente. Sussu foi criticada. E sobre as críticas e as dificuldades da vida de artista, ela ressalta, com otimismo, as atitudes que se deve tomar nessas situações:

“Eu acho que, nesse processo, você tem que se valorizar. Você tem que acreditar em si mesma, sabe... Não é se achar melhor que os outros, é você acreditar, fazer um bom trabalho e gostar muito. Esse já é o primeiro passo. Porque dificuldade sempre vai existir, críticas também. Eu já recebi muitas

críticas. No começo, quando colava sementes nos quadros eu recebi críticas assim: “Como você está misturando artesanato com arte, com pintura? Tá por fora isso, está errado.” Mas essa foi a época de começar a colar mesmo, de fazer diferente, ninguém fazia isso. Então foi meio revolucionário... e essa pessoa me criticou como se fosse uma coisa brega. E depois disso, dessa crítica, surgiu uma força pra eu crescer mais ainda e no outro trabalho que eu fui fazer...

Segundo a artista é possível fazer de tudo. Pode ousar desde que esteja seguro de si e esteja disposto a aceitar, de forma positiva, as críticas que recebe e desde que saiba também lidar com o *glamour* da profissão.

De acordo com ela: “Se você tiver segurança do que você está fazendo e não tiver medo... Ah, daí você vai embora, segue em frente mesmo! Tem artista que fica triste com as críticas. Eu é que não vou ficar pra baixo não! Eu dou até uma revolucionada em cima de crítica e vou crescer com ela!”

Ela explica que, a cada momento, ela está numa fase artística e que as técnicas que ela utiliza vão mudando com o tempo. Ela continua sempre tentando fazer algo diferente, algo que mexa com as pessoas e, dessa forma, segue seu *feeling*. Quando sente que deve trabalhar com determinada técnica, faz o que der vontade.

A esse respeito ela diz: “Eu conheço várias técnicas mistas, tem época que eu estou numa fase; por exemplo, eu já trabalhei há muitos anos atrás com coador de café, só hoje eu voltei a ter vontade de criar em cima disso. Daí passa, daqui a pouco tem uma técnica mista, que usa gesso e assim vai... Então, às vezes eu uso papel, cola, gesso, semente... Eu estou gostando muito dessa minha fase agora, mas não sei até quando vai durar.”

A escritora dentro da artista

Conforme a autora do livro *Essência da Mulher: Alma de Artista*, Sussu almejava lançar seu livro. Esse sonho ou desejo da artista está sendo realizado, mediante o presente livro sobre criatividade.

A motivação de escrever sobre isso é que, de acordo com a artista:

“Tudo na vida tem a ver com a criatividade. Acredito muito nisso. Falta de dinheiro tem a ver com a criatividade, porque você tem que dar um jeito de arrumar dinheiro, né? Casamento... No casamento você tem que ter criatividade, se não dá de um jeito, tem que tentar de outro... No trabalho, na vida profissional, eu acredito muito que você tem que ser criativo, em qualquer aspecto da vida.”

No livro *Essência da mulher: alma de artista*, ela explica maneiras de adquirir essa criatividade ou de desenvolvê-la melhor, caso a pessoa já seja criativa. Ela também une um pouco da história da arte com a criatividade e a psicanálise, porque mesmo os artistas agraciados com prêmios, tiveram seus momentos mais intensos e perturbadores.

Nas palavras da artista: “um artista plástico só pode pintar? Nas minhas obras, eu tento fazer uma coisa assim, que tenha um pouco de romantismo, sucesso, minhas vivências, experiências. Aquilo que é diferenciado: se o normal é fazer rosas pra cima, eu quero fazer rosas pra baixo, pra deixar mais criativo, pra ser o mais diferente possível.”

Apresentada essa breve história da vida e das ideias da artista sobre a criatividade e a vida, passa-se a pensar a relação entre psique e a arte no ateliê da artista.

4.1.2 Pele, arte e psicossomática – sofrimento psíquico e autossuperação

O foco desta seção refere-se à importância da pele e suas implicações psicossomáticas, incluindo um caso clínico relativo a essas questões.

A pele é o tecido orgânico que recobre a superfície dos corpos de todos os vertebrados. É o principal órgão de percepção, permitindo a transmissão de sensações físicas e emocionais. A pele, como órgão dos sentidos, é a primeira estrutura a se desenvolver no embrião, estando ligada à sensibilidade sinestésica e ao equilíbrio corporal (Anzieu, 1988).

A pele se desenvolve no feto, como o maior órgão do corpo, revestindo-o e tendo a função de isolá-lo e protegê-lo do meio. Durante a gestação, encontra-se em contato diretamente com o líquido amniótico. Quando a mãe acaricia sua barriga durante a gestação, o bebê experimenta satisfação e prazer, sendo que a imagem dessa sensação é revelada na ultrassonografia.

Além disso, a pele protege o bebê dos micro-organismos do meio ambiente, em termos de infecções, irritações e outras agressões (Anzieu, 1988).

No nascimento, quando a mãe acaricia o bebê, inicia-se o processo de amadurecimento somático. Aos poucos, a pele do bebê vai percebendo texturas, captando pressão, dor, calor, frio. Cada uma dessas funções depende de um órgão sensorial, emitindo impressões para o córtex sensitivo, constituindo o sistema sensório-motor.

Passando-se do campo biológico para o psíquico, a relação mãe-bebê tem consequências no corpo e no potencial psíquico da criança. Determinando sua estrutura mental, caracteriza as três instâncias psíquicas: inconsciente; pré-consciente e consciente. Segundo Volich (2000, p.117), “*o pré-consciente ocupa economicamente e clinicamente o lu-*

gar fundamental, na regulação do funcionamento psicossomático e, em particular, dos recursos mentais do sujeito”.

Segundo o autor, as alergias da pele revelam o grau de rejeição ou de superproteção da mãe para com o bebê. Essa doença psicossomática é uma disfunção do sistema imunológico, que fabrica anticorpos contra aquilo que ameaça ou muda a integridade do organismo.

As alterações do sistema imunológico sofrem influências do funcionamento psíquico, no qual ocorrem períodos de angústia e depressão, que determinam mudanças neurohormonais no sistema límbico.

Com base nisto, o contato da pele do bebê com a da mãe demarca a presença ou a ausência do amor, bem como a rejeição a ele. A manifestação da pele do bebê representa a exteriorização dos problemas internos não resolvidos, de ordem física ou emocional (Volich, 2000).

Posto isso, a Psicossomática representa um elo integrador importante nas questões dermatológicas e, conseqüentemente, em toda manifestação da pele.

Nessa perspectiva, muitas expressões populares usam a palavra pele como expressão de sensibilidade: “é uma questão de pele; fulano é casca de ferida ou cascagrossa; tirar a pele de alguém”, dentre outras. De acordo com Chiozza (1997, p. 30), a expressão “*é uma questão de pele*” refere-se à sensibilidade das pessoas frente aos outros e traduz, na sabedoria popular, a função de aceitar ou rejeitar o estranho.

No que diz respeito aos problemas emocionais e afetivos, relacionados com a pele, a cura depende da atuação dos psicoterapeutas. Diversos trabalhos mostram que pacientes com psoríase sofriam de alto nível de estresse. Sendo assim, todo tratamento médico associado à psicoterapia mostrou-se eficaz para a redução das placas psoríasicas.

Considerando-se outra doença de pele, que produz sofrimento, o vitiligo, derivado da perda de melanina em alguns

pontos da pele, lembra outras perdas ou é uma perda por si só? (Volich, 2000).

Dentre todas essas doenças dermatológicas, a que tem a capacidade de causar mais tormento é a coceira. Embora grande parte das pesquisas tenha se concentrado no eczema tópico, muitas doenças podem tornar a vontade de coçar, irresistível. Entretanto, essa síndrome dermatológica, responde bem à abordagem psicológica.

Outra lesão da pele que desperta grande interesse entre os dermatologistas é a acne, que ocorre, com frequência, na adolescência, provocando efeitos psicológicos negativos, tais como: depressão; angústia; preocupação; confusão e frustração.

Em relação à pele, a imagem corporal pode estar vinculada à questão de falta de carinho, à sensação de insegurança e, ainda, às questões psicológicas negativas relacionadas com a mãe e familiares (Anzieu, 1988).

No tocante à questão do isolamento e da proteção da pele, esses aspectos aparecem em indivíduos que sofreram graves queimaduras, cujo tratamento inclui a retirada de tecidos da pele morta.

Em meio a todas essas doenças dermatológicas, quando o paciente é ouvido, em suas histórias, seus problemas e seus sonhos, diminuem sua dor física e seu sofrimento psíquico. A pele de palavras, que se tece entre o queimado e um interlocutor compreensivo, pode estabelecer simbolicamente uma pele psíquica continente do eu ferido (Anzieu, 1988). Para o autor, a pele funciona como capa, mas também é um envelope, que precisa ser preenchido, pois envolve e delimita o corpo, assim como o ego pode ser o continente das sensações e impulsos vividos pela pessoa.

Tocar é uma forma de cuidar do corpo e daquilo que contribui para a formação da pele e do autoerotismo. Quanto a isso, Anzieu (2000) propôs que as proibições do tocar vi-

sam também proteger a criança da intensidade das pulsões sexuais e agressivas, manifestando-se por meio das falas da mãe e de adultos, em geral, tais como: “não toque este objeto, porque ele pode se quebrar”; “você pode se machucar”; “vê, mas sem as mãos”; “não toque aí”, referindo-se às zonas sensíveis do prazer.

Para estudar as questões da pele em seus aspectos clínico-psicológicos, cabe discorrer sobre a doença de um rapaz de 21 anos.

D.S veio ao mundo com uma doença genética conhecida como epidermólise bolhosa distrófica, impossibilitando-o de levar uma vida normal, como qualquer pessoa de estrutura física saudável. Essa doença se caracteriza pela perda da mobilidade dos dedos dos pés e das mãos; por isso, é necessário fazer cirurgias dos dedos para evitar atrofias. D.S esteve nos Estados Unidos, por meio de uma entidade, para tratamento de sua doença, porém nao obteve sucesso. Sendo assim, hoje leva seu dia a dia em uma cadeira de rodas, dependendo quase totalmente de sua mãe.

Esta doença prejudica seu organismo, pois desencadeia bolhas no esôfago e estômago, assim como na epiderme também. Diariamente, são feitos curativos com produtos farmacológicos e, em seguida, seu corpo é revestido por ataduras com o objetivo de proporcionar-lhe uma melhor qualidade de vida. No entanto, não existe cura definitiva para ela. Todos os dias, as bolhas reaparecem e o processo de tratamento deve ser contínuo. Sua alimentação é rigorosamente controlada devido à anemia; além disso, seu organismo não produz anticorpos e não tem equilíbrio e nem força muscular; mesmo assim, tudo isso não lhe tirou a vontade de viver.

Aos 10 anos descobriu que tinha vocação para pintar e hoje faz trabalhos com telas e giz pastel. Participou de várias exposições coletivas e o dinheiro da venda de seus quadros acabou sendo parte importante para cobrir os gastos com

seu tratamento, sendo, que também, recebia ajuda de campanhas e da Prefeitura.

Descobriu o gosto pela arte, conviveu comigo, frequentando as aulas de pintura. Dessa forma, conseguiu ampliar seu círculo de amizades, encontrou prazer, ao criar, e, assim, a arte entrou em sua vida, não somente como prática, mas como cura para sua existência. Aprendi muito com ele e sua passagem em nossas vidas nunca será esquecida.

D.S cursou o 1º ano do curso de psicologia em Taubaté e lutava por sua inclusão social, uma vez que já tinha enfrentado inúmeros preconceitos, pois as pessoas ficavam chocadas ao seu lado, temiam contrair uma doença contagiosa, sentindo certa repulsa diante de sua aparência; esquivavam-se de beijá-lo ou abraçá-lo.

Em meio a isso, D.S era uma pessoa inteligente e sua sensibilidade era muito aguçada. Ainda que seu dia a dia fosse complicado, triste ou amargurado, ele conseguia melhorar seu estado emocional com a ajuda da maternagem ou uma palavra amiga. Por meio da arte, D.S conseguiu vivenciar um pouco os prazeres da vida, que eram limitados em virtude de sua condição. E experimentar tais prazeres o ajudava a aumentar sua autoestima, diminuindo suas angústias e valorizando seu potencial, proporcionando-lhe alcançar certas metas. Temos aqui uma lição de vida!

4.1.3 Arteterapia e vivências de uma aluna

Ao relato anterior, cabe juntar o relato das vivências de uma aluna do curso de Artes Visuais da Universidade de Taubaté em seu estágio obrigatório. Segundo ela:

“Com o acompanhamento da aula de estágio foi possível ver uma maneira diferente de se conviver com pessoas completamente variadas, pois no ateliê encontrei diversos tipos de pessoas, como, por exemplo, donas de casa, profissionais

liberais, pessoas com deficiências, com as quais tive muito aprendizado para saber olhar o diferente, um olhar com mais compaixão, solidariedade e respeito pelo ser humano, de maneira geral. Nós todos merecemos respeito e respeitar o próximo, principalmente aquelas pessoas especiais, que precisam de mais apoio para superação de seus limites, é gratificante. O desenvolvimento de técnicas de pintura e o estudo da história da arte me trouxe um olhar diferente para a humanidade, saí um pouco do nosso dia a dia tão pequeno, do nosso mundinho e abri meus horizontes também sabendo um pouco dos antepassados através da história da arte.

Todo estágio bem aproveitado é um ensinamento pra vida acadêmica, profissional e pessoal, podendo nos abrir portas profissionais, mas também pra olharmos a vida sob um novo foco e um ponto de vista mais amplo.”

A partir dos conceitos e das experiências artísticas apresentadas, fica evidente a importância da arteterapia realizada pela artista plástica Sussu Marcon junto com seus alunos.

CAPÍTULO V

5.1 Uma breve abordagem sobre dois transtornos de personalidade e sua relação com a arte

Apresentam-se dois transtornos de personalidade, nos quais as pessoas podem desenvolver uma boa habilidade para a pintura, grande aliada de seu tratamento. Começa-se falando sobre a personalidade esquizoide – transtorno da personalidade, que causa isolamento social e comportamentos incomuns. A seguir, discute-se a esquizofrenia.

No sujeito, a estrutura esquizoide revela uma ruptura em sua vida interna ou externa. Ele não consegue lidar com seu ego, formado por partes fragmentadas. Esse transtorno apresenta características como: isolamento, frieza nas emoções, falta de interesse nas relações sociais, sendo que seus portadores não compreendem os sentimentos das outras pessoas.

As pessoas esquizoides são infantilizadas, questionam o mundo, sempre atentando a detalhes. As pessoas atingidas por esse transtorno são afetadas por uma violência interna que, por meio da pintura, pode ser controlada, melhorando, assim, sua qualidade de vida. No aspecto da criação, são muito inteligentes e, por esse motivo, conseguem um lugar de destaque na sociedade com suas obras (Klein, 1981).

Para ilustrar o transtorno esquizofrênico, cabe destacar a personagem principal do filme *Uma Mente Brilhante*, de Sylvia Nasar (2013). John Nash foi um matemático e professor, cujo talento foi reconhecido pela instituição na qual trabalhava. Em meio a seus estudos, criou uma fórmula matemática, que, mais tarde, o faria famoso. John é contratado pelo governo americano, sendo que sua missão era desvendar um código, que desativaria uma bomba nuclear. Em meio a isso, John se casou com Alicia, sua aluna, que o ajudou muito, du-

rante toda sua vida. Após um tempo de seu casamento, John desenvolveu a esquizofrenia.

John começa a ter alucinações visuais e auditivas, ouvindo vozes e imaginando pessoas ao seu lado. Com muito esforço, tratamento e ajuda de sua mulher, John convive melhor com a esquizofrenia e, em 1994, ganha o prêmio Nobel de Matemática.

Cabe esclarecer que no caso do matemático, a pintura não foi utilizada em seu tratamento. Todavia, ela é muito importante como tratamento coadjuvante com pacientes esquizofrênicos e esquizoides, em geral.

5.2 Experiências da Dra Nise da Silveira com arte em um hospital psiquiátrico

Dando continuidade à reflexão sobre a importância da arte como recurso terapêutico, vale abordar um trabalho pioneiro com ela no Brasil.

A Dra. Nise da Silveira foi uma psiquiatra do Centro Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro. Ela percebeu que as artes plásticas constituíam um canal de comunicação com os pacientes esquizofrênicos graves, visto que eles não se comunicavam verbalmente. No processo de produção de mandalas, ela utilizava um círculo de madeira ou tela, como instrumento de integração do self. No âmbito psíquico, as obras produzidas por eles davam voz a seus conflitos internos. Portanto, esse trabalho funcionava como autocura, estimulando a projeção de seus conflitos, de forma visual. Além disso, ela discordou da aplicação de eletrochoques nos pacientes, confrontando os procedimentos do hospital e apontando a arte como método terapêutico.

Em 1957, ela fez uma exposição com as pinturas e modelagens desses pacientes esquizofrênicos, que frequentavam as sessões de Terapia Ocupacional. A exposição tinha como

tema ‘A arte e a Esquizofrenia’ e contou com presença de Jung, fundador da psicologia analítica. A psicologia analítica explora os sonhos e as fantasias das pessoas, dialogando com a mente e os conteúdos do inconsciente. Jung (1957, p.67) comentou sobre a exposição, dizendo que “ela documentava a linguagem simbólica do inconsciente coletivo, nada mais que a manifestação da arte espontânea”.

A participação de suas famílias foi de suma importância para o sucesso desse trabalho. Assim, a Dra Nise fez a ponte entre o hospital e a sociedade, revelando muitos talentos dos pacientes ali internados. Dessa forma, os pacientes puderam viver melhor com seu transtorno, com base nesse tratamento.

5.3 Experiências da artista plástica Sussu Marcon com a arteterapia

Na experiência da artista plástica Sussu Marcon, as oficinas de arte abrem caminhos para o mundo interno do paciente, visando transformar seus conteúdos internos e garantir a ele maior equilíbrio psicológico. O uso de criatividade, ao produzir algo novo e diferente, pode aumentar a autoestima do paciente e ele consegue lidar melhor com suas emoções e sentimentos.

Segundo ela, as pessoas vêm deprimidas para as oficinas e, então, iniciam uma jornada interior por meio da arte. Tudo o que envolve o processo artístico as ajuda a se ocuparem, a se concentrarem e, desse modo, por meio do trabalho artístico, ficam anestesiadas de seus problemas, de seus conflitos. Desde os primeiros rabiscos, a organização da paleta de cores, as pesquisas sobre o tema da pintura até a criação da tela, elas começam a se concentrar, não percebendo mais que seu corpo está ali. Seus pensamentos estão focados na produção artística e quando se dá sua finalização, a fisiono-

mia das pessoas mudou. Já se percebem sorrisos mais leves, mais descontraídos e a autoestima das pessoas mais elevada.

É pela dor que os alunos chegam à arte e, por meio desse processo, é possível atravessar o sofrimento que estão enfrentando, fazendo com eles um trabalho enriquecedor, que alivia suas angústias, incluindo a socialização em grupo. A arte, quando realizada em grupo, constitui um trabalho importante, porque é no processo artístico que eles veem a dificuldade de cada um e apoiam-se uns aos outros.

Ainda nas vivências da artista, algumas pessoas sentem dificuldades nesse processo e a arte faz com que se sintam melhor. É neste momento que a arteterapeuta vai interagir com elas por meio de suas técnicas e de seu profissionalismo. O trabalho de colagem, pintura e desenho pode trazê-las para um território mental tranquilo. Como o processo artístico é um recurso que vem se mostrando muito eficaz nesse sentido, as pessoas procuram clínicas e oficinas de arte como um espaço de socialização, no qual podem expressar seus sentimentos, falar do que elas sentem falta. Bloqueios emocionais, repetições de conflitos, fugas da realidade e angústias são conteúdos reprimidos inconscientes ou aquém de seu nível de consciência. Esse material aparece na pintura como aquilo que, antes, não podia ser verbalizado por elas, permitindo um contato consigo mesmas.

Além disso, a arte revela o artista e projeta sua imagem para o mundo. Assim, a pessoa, como artista, se reconstrói sob o olhar do outro, pois ao olharem sua obra, ela pode ser elogiada, valorizada e notada.

Em síntese, o recurso da arteterapia é muito importante para se trabalhar as diferentes formas de sofrimento mental presentes no universo humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início dessa reflexão sobre a arte e a arteterapia, os diferentes pensadores permitiram apontar o valor do funcionamento mental do sujeito, para que sua criatividade atinja níveis de excelência.

Foi possível, ainda, perceber a íntima relação entre a história de vida do artista e sua obra. Posto isso, a história de vida, estudada pela psicanálise, e a arte, utilizada pela arte-terapia, dialogam de modo vibrante.

Nessa trajetória, a extensão dos temas humanos contemplados pela arte abarca o belo e o extraordinário, bem como o horror e o abominável, praticados pelo ser humano. Essa amplitude de emoções e sensações humanas vai incidir no âmbito clínico.

Nesse domínio, o trabalho pioneiro, inovador e bastante rico da Dra Nise da Silveira com pacientes esquizofrênicos ressaltou a arteterapia como método terapêutico fundamental nesses casos.

Ainda no campo clínico, as experiências da artista plástica Sussu Marcon, junto a seus alunos, evidenciam a arteterapia como recurso terapêutico essencial para se trabalhar as diferentes formas de sofrimento mental, inerentes ao ser humano.

REFERÊNCIAS

ALI, Sami. **Pensar o somático**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

ANZIEU, Didier. **O Eu pele**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988.

BRIGANTI, Carlos R. **Corpo Virtual: Reflexões sobre a clínica psicoterápica**. São Paulo: Summus, 1987.

CABALLERO, Rebeca. **Essência da Mulher - Alma de Artista**. 2013.

CIVITA, Victor. **Os grandes artistas**. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

GETZELS, Jacob; CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. **The creative vision: a longitudinal study of problem finding in art**. New York: Wiley, 1976.

DOMENICO, de Masi. **Criatividade e Grupos Criativos**. São Paulo: GMT, 2005.

FREUD, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HERRERA, Hayden. **Frida: a biografia**. São Paulo: Globo, 2013.

IBSEM, Jose; LACOMBE, Fabio; MASCARENHAS, Eduardo. **Reflexões sobre a criatividade**. Revista Brasileira Psicanálise. São Paulo, vol. 7, nº1, 1973.

KAHLO, Frida. **O diário de Frida Kahlo**: um autorretrato íntimo. São Paulo: José Olímpio, 2012.

KERNBERG, Otto F. **Psicopatologia das relações amorosas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1995.

KLEIN, Melanie. **Contribuições à Psicanálise**. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

LACAN, Jacques. **O Seminário**. vol. 3. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LIEBMANN, Marian. **Exercícios de arte para grupos**. São Paulo: Editora Summus, 2000.

NASAR, Syena. **Uma mente brilhante**. 2013

PIZZO, Esnider. **Coleção de Arte**. São Paulo: Globo, 1997.

SILVEIRA, Nise da. **Revista Bernard Shaw**, vol. 9, nº 3, 2004.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013

WINNICOTT, Donald **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1958.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Atividades desenvolvidas na área da saúde mental.

- Artesanato na Penitenciária Feminina de Tremembé, Junho de 2005.
- Workshop, Hospital Psiquiátrico Chuí de São José dos Campos, em 2006.
- Arteterapia - Crianças e adolescentes da Casa Transitória (adoção) em 2008.
- Desenvolvimento de reciclagem, pintura e artesanato com mulheres especiais na Casa Moradia em 2008.
- Aulas de artesanatos na Casa de Idosos São Francisco, em 2006, 2007, 2010 e 2011.
- Supera – Ginástica para o Cérebro em 2021.

Formação Complementar:

- Pós Graduação em Psicanálise e Psicossomática. São José dos Campos em 2009 a 2011 CINPP- Curso “Jornada de acompanhamento Terapêutico”. Laboratório de análise de São Jose dos Campos em 2010.
- Curso de Especialização em Psicossomática, na escola de Psicanálise CINP Vale em São José dos Campos, em 2010.
- Atendimento clínico na Clínica Social CINPP-Vale. São José dos Campos em 2010.
- Atendimento clínico na Clínica Abrace Vida. Taubaté. 2010, 2011 e 2012.
- Workshop sobre criatividade na Abrace Vida, em 2011.
- Prêmio Tio Barnabé – Modalidade Artes Plástica. Lei de

Emergência Cultural Aldir Blanc Secretaria de Turismo e Cultura de Taubaté, em 2020.

Formação Acadêmica:

- Curso em regulamentação de Artes Plásticas Escola Maestro Fêgo Camargo de Taubaté em 1978.
- Comunicação Social-habilitação em Publicidade e Propaganda. Universidade de Taubaté, em 1980 a 1984.
- Certificado em Publicidade: Como investir em tempos de crise. Senac Taubaté, em 1983.

Exposições e Trabalhos Realizados:

- Participação na I Mostra de Arte dos Funcionários do Banco Real e Associadas (Pinturas), na Avenida Paulista, São Paulo, 1982.
- CTA- São Jose dos Campos como membro do júri da Exposição de Arte, 1994.
- Obra doada pela artista a Vara da Fazenda Pública da Comarca de Taubaté/SP. Por ocasião da sua instalação oficial em 24 de Novembro de 2006.
- II Encontro das Artes do Vale do Paraíba. No Espaço Cultural Vicentina Aranha em São José dos Campos, 1997.
- Participação no Salão de Artes da ACM, São Paulo, 2000.
- Participação no I Salão de Arte, A Visão do Século XXI, em Campos do Jordão, 2000.
- Participação no Anuário de Artes Marco Marcovitch. Livro Portal do terceiro milênio. São Paulo, 2000.
- Participação no Projeto Paletas 2000 da Editora Marco Markovitch, na Secretaria do Estado de São Paulo, 2000.

- Mapa Cultural Paulista. Exposição de quadros representando Campos de Jordão. Classificada para II fase 2000.
- Participação no II Salão de Arte, A Visão do Século XXI, em Campos do Jordão, 2001.
- Participação no XVIII Salão Municipal de Artes Plásticas de Guaratinguetá, 2002.
- Participação da Expo Arte da Mulher no século XXI, no Taubaté Shopping, 2002.
- Participação do Livro “Asilo de Mendigos de Taubaté”. 2ª Ed. 2002. Hugo de Araújo Nepomuceno, 2002.
- Curso de Excelência em Atendimento. Excelência Programação Neurolinguística, 2002.
- Participação do I, II e III encontro do Meio Ambiente- ECO-VALE sobre arte e reciclagem. Taubaté, 2003 a 2005.
- Curso de Texturização sobre Tela, com duração de 10 horas, em São José dos Campos, 2003.
- III Mostra de Arte na Primavera, realizada na Faculdade de Ciências da Saúde UNIVAP, 2007.
- Certificado de Participação na Exposição de Quadros, realizada no Espaço Cultural Georgina de Albuquerque. Taubaté, 2007.
- Exposição sobre arte e reciclagem no SENAC Campos do Jordão, 2007.
- Exposição sobre arte e reciclagem no Supermercado Pão de Açúcar, 2008.
- Exposição de quadros na Câmara Municipal de Taubaté, 2008.
- Gravação no ateliê de pintura Sussu Marcon para o Programa Manhã Viva – Canção Nova. 2009, 2010, 2011, 2012.

- Participação do Calendário. Associação Artística Cultural Oswaldo Goeldi. Taubaté, São Paulo, 2007.
- Participação do 1º Colégio Permanente de Psicanálise, realizado pelo CNIPP, 2008.
- Participação do 2º Colégio Permanente de Psicanálise, realizado pelo CNIPP, 2009.
- Workshop de pintura moderna SENAC Guaratinguetá, 2010.
- Livro: Essência da Mulher, Alma de Artista. Rebeca Caballero, Taubaté, 2013. cap. 4.
- Winter, T. R. Imortais: Memórias de uma Psicanalista. São Paulo: Giostre, 2020

Aos meus dois netos
Tudo depende de sua mente,
do modo que você vê.
Tudo depende de sua mente,
de modo que você quer ser.

Eu vivo sempre sorrindo,
é bem melhor que chorar.
Mas para isto é preciso
ter cuidado ao navegar.

Navegue em mares mansos,
tua mente terá descanso.

Poetas brasileiros de hoje (1987)

Cida Marcon, mãe de Sueli Marcon

À minha mãe, artista plástica e poetisa.



Sueli Marcon nasceu em Taubaté/SP. É graduada em Comunicação Social, Habitação em Publicidade e Propaganda. Iniciou no campo das Artes no ano de 1978, tendo como mestres Anderson Fabiano e Justino (inmemorian), na Escola Municipal de Música e Artes Plásticas e Ciências “Maestro Fêgo Camargo”.

Em 1997, teve aulas com Mestre Itacarambi (São José dos Campos/SP), e atualmente ministra aulas de pintura. Recentemente concluiu curso de Especialização em Psicanálise e Psicossomática. Atua em Taubaté também como psicanalista e desenvolve arte terapia em clínica



UNITAU
Universidade de Taubaté

ISBN: 978-85-9561-174-0

CD



9 788595 611740